

BIBLIOTHECA RIO-GRANDENSE: TRAJETÓRIA E PERCALÇOS DE UMA BIBLIOTECA MAIS QUE CENTENÁRIA

JOSIANE SILVA¹

RESUMO

O presente artigo busca, em meio à analogia comparativa, traçar a trajetória de existência da biblioteca mais antiga do estado. Neste apanhado histórico elencam-se episódios da história da instituição que determinam seu caráter e o forte apego à comunidade rio-grandina. Mudanças de endereço, percalços enfrentados até a aquisição de sede própria, peculiaridades da administração e a contribuição da Bibliotheca Rio-Grandense para a educação rio-grandina são alguns episódios relatados nestas poucas linhas.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas. História. Biblioteconomia.

De todas as conceituações conhecidas acerca do tema biblioteca a que mais se assemelha com a realidade é a conceituação breve de Battles, em seu livro *A conturbada história das bibliotecas*, em que o autor compara a biblioteca a um corpo e as páginas de seus livros a um órgão. Inspirador? Possivelmente, sem deixar de ter um pouco de verdade em meio à analogia. Se considerarmos a Bibliotheca Rio-Grandense um corpo, quem participou de sua composição, quem fez dessa instituição a mais antiga do estado, com um dos maiores acervos e também um dos maiores corações dentre as instituições de cunho privado, pois mesmo tendo esta razão social jamais deixou de atender a toda a comunidade rio grandina, merece reconhecimento por parte da história. De que massa foi feito o corpo da Bibliotheca Rio-Grandense, quando esta nasceu, onde morou, quem contribuiu para seu crescimento, a quem esse corpo auxiliou contribuindo com conhecimento adquirido? Quais de seus órgãos precisam de cura? Questões importantes que não serão deixadas em branco ao término destas linhas.

Hereditariedade. Somos a soma de nossos antepassados. Antigamente se conhecia alguém por sua descendência, e no caso da Bibliotheca Rio-Grandense se aprende muito de seu caráter através de seu fundador, João Barbosa Coelho, a massa que contribuiu para a

¹ Bibliotecária no IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Rio Grande.

formação do corpo desta instituição de 165 anos, que possui acervo e prédio tombados através da Lei Estadual n.º 12.508 como patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul.

A família de João Barbosa Coelho fugia das consequências da invasão napoleônica em Portugal. Antes deles, outros parentes encontraram refúgio na então colônia sul-americana. Em meados de 1828, o menino João chegou ao Brasil e teve como primeiro estado de domicílio a Bahia. Em busca de conhecimento para o filho, anos mais tarde a família decidiu fixar-se na corte. No Rio de Janeiro ele se tornou guarda-livros e, dominado por um espírito empreendedor, ansiou por um negócio próprio em uma nova terra. Escolheu o sul do Brasil.

Barbosa Coelho chegou ao Rio Grande em 21 de outubro de 1845, com 26 anos. Trabalhou como guarda-livros na casa comercial de Manoel Marques das Neves, de quem futuramente seria sócio. Com dez meses de residência fixada na cidade, reuniu outros amigos lusitanos na antiga Sociedade Bailante da Rua da Praia (atual Marechal Floriano), e naquele 15 de agosto de 1846 foi fundado o então Gabinete de Leitura.

João Barbosa Coelho casou-se com Joaquina Cardoso e teve três filhos, dois homens e uma mulher. Reconhecido em seu meio, tornou-se cônsul de Portugal de Rio Grande, cargo a que abdicou em prol da educação dos filhos, em 2 de abril de 1865, quando partiu para o Rio de Janeiro. Para orgulho dos pais, os filhos homens se formaram em direito e a filha mulher se tornou escultora. Porém, quis o destino que o orgulho pela prole durasse pouco na vida desse fundador de ideais, pois seus filhos tiveram curta vida, falecendo pouco após suas formaturas.

Anos mais tarde, João Barbosa Coelho optou por retornar à terra natal, Lisboa, onde viveu no segundo andar da casa na Rua Passos Manoel, nº. 3, até a morte, no dia 11 de janeiro de 1909, aos noventa anos, sendo então para sempre lembrado como a massa que gerou o corpo da Bibliotheca Rio-Grandense.

Em matéria no *Boletim da Sociedade Amigos da Marinha do Rio Grande*, alusiva aos 150 anos da instituição, ao se levantar o nascimento desse importante corpo, afirma-se ser uma “obra de moços” a fundação da Bibliotheca Rio-Grandense. Tendo em vista a baixa expectativa de vida da época, aliada à realidade de uma paz recente após dez anos de guerra civil no sul do país, não era de se estranhar a juventude, mas estranhava-se a união de vinte e dois jovens em uma sociedade bailante para fundar um gabinete de leitura aos moldes do Real Gabinete de Leitura Português instalado no Rio de Janeiro.

Rio Grande possuía um nível baixo de instrução. Faltavam escolas, faltava comunicação com os grandes centros, mas nada disso abalou aqueles 22 espíritos, e tanta foi a força destes que, mesmo antes de João

Barbosa Coelho terminar a elaboração dos estatutos, houve mais cinco adesões, as quais somente constariam como sócios fundadores na ata nº 89, de 14 de agosto de 1936, cerca de noventa anos mais tarde.

A primeira eleição da diretoria foi feita em 23 de setembro de 1846 e com vinte e cinco sócios presentes foram eleitos: José Borges Ribeiro da Costa, diretor; José Manoel de Lima, tesoureiro; Meneandro R. Pereira, secretário; Joaquim Fernandes Dias, tesoureiro substituto; João Barbosa Coelho, bibliotecário, e Seraphim José Vasques para o cargo de conservador. Em 25 de setembro daquele ano foi realizada a sessão de posse da primeira diretoria.

Como forma de homenagear o fundador dessa importante instituição cultural e histórica, em 13 de agosto de 1946 o então prefeito de Rio Grande, Miguel de Castro Moreira, por meio de decreto-lei, criou o logradouro “Largo Barbosa Coelho”, primeiramente situado aos fundos do prédio, hoje localizado a leste, ao lado do Mercado Municipal.

Ao se considerar a Bibliotheca Rio-Grandense um corpo, o mesmo necessita de espaço, e ao longo de sua trajetória de 165 anos, quatro endereços existiram antes de adquirir a estabilidade de uma sede própria.

Na ocasião da sessão de posse da primeira diretoria, em 25 de setembro de 1846, João Barbosa Coelho sugeriu o arrendamento do sobrado nº 3 em frente ao Arsenal, atual Rua Ewbank. O local continha duas salas e dois gabinetes e se tornou o primeiro endereço do então Gabinete de Leitura, que ficou instalado ali por cerca de um ano, pois, segundo descrições da época, era considerado pequeno e mal iluminado. O prédio mais tarde foi destruído por um incêndio.

Em 3 de novembro de 1847 o Gabinete de Leitura se instalou no pavimento superior do sobrado de propriedade de Francisco Antônio Lopes, na Rua da Praia, nº 146, atual Rua Marechal Floriano, permanecendo ali por quase vinte anos. Uma terceira mudança precisou ser feita em 1866, quando o Gabinete passou a ocupar um endereço na Rua dos Príncipes, esquina com a Rua da Alfândega (atuais General Bacellar e Andradas). O prédio era de propriedade do Dr. Vieira Castro. Doze anos mais tarde houve uma quarta mudança: em 4 de junho de 1878 o Gabinete passou para a Rua Riachuelo, nº 71, ocupando o segundo andar do prédio. No térreo funcionava a Firma Importadora Martins Costa & Cia. e no terceiro pavimento a Comissão das Obras da Barra.

Conforme ocorriam as mudanças, a necessidade de uma sede própria era evidente. Porém, antes da sede própria houve algumas intempéries e vitórias na história da instituição. A mais famosa intempérie foi o caso do tesoureiro “Severo” e o maior louro a criação dos cursos noturnos e gratuitos de alfabetização.

Manoel Alves Pinto, comerciante português, conhecido em toda a praça como Manoel Severo devido a sua irritabilidade, foi admitido como sócio do Gabinete de Leitura em 11 de janeiro de 1870. Três anos mais tarde, graças a sua habilidade, com números foi convidado para se tornar tesoureiro do Gabinete. A instituição passava por dificuldades, fato comum em uma instituição mantida por sócios e que via o número destes diminuir. Para manter os cofres estáveis, muitas vezes Manoel Severo contribuiu no pagamento de despesas do próprio bolso. Entretanto, ao discordar de assuntos administrativos com a diretoria, Manoel Severo fez jus a sua fama e rompeu laços com o Gabinete, prometendo entrar na justiça para reaver o que achava que lhe era devido pelo pagamento de dívidas.

A ameaça foi cumprida e o Gabinete de Leitura passou a correr o risco de ter seu acervo penhorado para saldar a dívida com Severo, no valor 131\$900, elevado para os cofres da instituição. Ciente desse infortúnio e sendo profundo admirador do conhecimento, Francisco Antonio Affonso, o Barão de Vila Isabel, surgiu na existência do Gabinete de Leitura, como o salvador de seu acervo e eterno benfeitor. O Barão saldou a dívida com Severo e se tornou mais tarde um dos Diretores do Gabinete.

Em 4 de julho de 1878, ocorre a mudança da razão social. Para se adequar à lei que tratava das entidades com personalidade jurídica, o Gabinete de Leitura passa a se chamar Bibliotheca Rio-Grandense, com o objetivo de ser uma “sociedade de recreio espiritual e de difusão cultural”.

Com nova razão social e ciente de seu objetivo para com a sociedade rio-grandina, em 17 de março de 1879, a Bibliotheca Rio-Grandense abre as suas portas para a inauguração de seu curso noturno e gratuito de alfabetização. Na ocasião da criação do curso noturno de literatura, a aula inaugural por meio de conferência foi ministrada por Joaquim Francisco de Assis Brasil, então acadêmico pela Faculdade de Direito de São Paulo. As aulas noturnas perduraram por cerca de sessenta anos, até a sua extinção devido à criação da rede oficial de educação, porém os louros de contribuir para a qualificação da sociedade rio-grandina persistem.

A busca de uma sede definitiva foi tarefa árdua para as diretorias da Bibliotheca Rio-Grandense, que via seu espaço físico diminuir e almejava a sede própria que se adequasse a um bom plano de expansão. Em 1883 o acervo da instituição já contava com cerca de 9.500 volumes. Em conta no The London & Brazilian Bank, instituição bancária então localizada no atualmente chamado Sobrado dos Azulejos, a Bibliotheca mantinha depositados cerca de 11 contos de réis

para a aquisição de sua sede, então se passou, além de prever captação de recursos, à busca de uma sede.

Benjamin Flores surge como o responsável pela captação de recursos e busca da sede em nome da instituição. A municipalidade oferece por preço módico de 2 contos de réis, um terreno de localização central entre o prédio da Câmara de Comércio e o Mercado Municipal, onde atualmente funciona a Estação Hidroviária e um posto de combustíveis. O valor adequado interessa à Bibliotheca, porém o tamanho do terreno era insuficiente para os anseios da instituição, que pediu à municipalidade um aumento de medidas. Apesar das negociações, a municipalidade se torna irredutível e ainda interfere nas medidas, diminuindo-as, tornando assim, inviável a compra do terreno.

Após esse fiasco por parte da municipalidade, a mesma busca se redimir oferecendo parte do logradouro da Praça da Matriz, atual Praça Dr. Pio. Porém, conhecendo a história dessa pequena parte do logradouro, a Bibliotheca declina a doação. Em 1878 o local foi escolhido para a construção da Escola Gaspar Martins, homenagem ao chefe político e líder nacional dos liberais no período imperial. A comunidade que residia próximo ao local não gostou da novidade e, alegando que a construção impediria a visão da praça e interferiria na iluminação, formou forte pressão contra a evolução das obras, que, na madrugada de 1º de dezembro de 1883, sofreram um incêndio inexplicável. As ruínas permaneceram ali como sinal funesto até 28 de abril de 1891, quando foram demolidas. Temendo represálias singulares, o declínio da doação do local foi evidente. Algum tempo depois o local seria cedido ao Departamento de Correios e Telégrafos, sem que nenhum outro sinistro similar tenha acontecido.

Ainda em busca de se redimir com a Biblioteca, a municipalidade lhe propõe em 1895 a venda de sua Casa da Câmara, construída em 1850. A razão não era das mais benevolentes, mas valia a intenção. Ciente de que, devido ao regime presidencialista, deveria haver a quebra entre os poderes executivo e legislativo e a Casa da Câmara se tornaria pequena para dois poderes, a municipalidade interessou-se em adquirir dos herdeiros do Comendador Antonio da Silva Tigre o prédio de dois pavimentos na Rua General Neto. A casa era em estilo colonial, com setenta anos de história e necessitando de inúmeras reformas. A venda da Casa da Câmara poderia favorecer a municipalidade na aquisição da casa conhecida como a “casa nobre”.

Em assembleia de 11 de janeiro de 1895, o Comendador Antonio Joaquim Pinto da Rocha propõe à Bibliotheca a compra do prédio da Câmara. Para tanto a Bibliotheca precisou vender um terreno adquirido anos antes na Rua Uruguaiana, atual Silva Paes, pelo valor de

17:340\$000, através de leilão. A Casa da Câmara foi comprada por 25 contos de réis, em 13 de agosto de 1895. Porém, a compra estava condicionada ao uso da Casa da Câmara por parte da municipalidade, até o término das reformas na “casa nobre”. Embora a municipalidade pagasse um aluguel, a Bibliotheca ansiava por sua sede. As reformas iam a passos lentos em meio a trocas de mandatos e outras intempéries.

Em meio a isso a Bibliotheca comemora seu cinquentenário em 1896, ainda sem sua sede definitiva, mas batiza nessa ocasião a sua bandeira, tendo como padrinhos o Dr. Manoel Ignácio de Lacerda Werneck, intendente municipal, e os conselheiros municipais Dr. Manoel Antonio Affonso Reis e Comendador Antonio Joaquim Pinto da Rocha. Sua bandeira em verde, amarelo e vermelho possui as cores do estado e símbolos centrais de uma lâmpada e um livro sobrepostos, tendo em torno dois ramos de louro enlaçados e acima disto o sol e um livro aberto com a data da fundação da Bibliotheca, símbolos de forte sentimento de salvaguarda e disseminação de conhecimento.

Após cinco anos de espera, a Casa da Câmara é entregue à Bibliotheca Rio-Grandense. Em meados de 1910, o prédio passa por sua primeira grande reforma. A planta da fachada foi projetada por Carlos Ossola, que deu ao prédio uma cobertura com telhas francesas e uma fachada eclética que misturava colunas neoclássicas e elementos barrocos junto a enfeites esculpidos e ao centro uma alegoria em que apareciam os símbolos do saber humano, tal qual elencados na bandeira da instituição.

Em 1936 o acervo se tornou amplo demais para o prédio térreo, fato que exigia o planejamento de uma ampliação estrutural. Dessa vez, o projeto de um anexo, denominado depósito de livros, foi elaborado pelo engenheiro Fernando Duprat da Silva. Além do depósito, um andar superior foi acrescentado ao projeto. Essa ampliação foi muito onerosa para a instituição, que levou certo tempo para alcançar a sua conclusão. Iniciada em 29 de outubro de 1936, após muitos intervalos veio a ser concluída em meados de 1954, cerca de 18 anos após seu início. Nessa ocasião funcionava no andar superior da instituição a Fundação Cidade do Rio Grande, com o seu curso superior de Engenharia Industrial. A Fundação permaneceu nesse local até 1959. Com uma sede própria, o corpo encontrou moradia e passou a melhor receber todos que ali chegavam em busca de conhecimento.

Contribuindo para o crescimento desse corpo chamado Bibliotheca Rio-Grandense, diversas diretorias passaram ao longo destes 165 anos pela instituição. Foram 103 gestões de diretoria, com 83 presidentes, estando hoje à frente da instituição o contador e economista Prof. Leon

Coutelle Filho², presidente da biblioteca desde 30 de abril de 2003. Ex-diretores ilustres figuram em atas da Bibliotheca, entre eles o seu fundador, João Barbosa Coelho, o Sr. Francisco Antonio Affonso, Barão de Vila Isabel, benemérito salvador do inestimável acervo, o Comendador Antonio Joaquim Pinto da Rocha, principal articulador da compra da sede própria, Abeillard Barreto, que presidiu a instituição com apenas 29 anos e ajudou a tornar realidade o anseio de ampliação da sede. Vale ainda lembrar do engenheiro Fernando Duprat da Silva, que projetou a ampliação que resultou em cinco andares de acervo e um andar superior contendo salas especializadas, dentre elas a sala dedicada às obras raras, berço da incalculável coleção Flora Brasiliensis com 84 volumes. Estes são apenas alguns poucos citados brevemente, mas há outros que, pela colaboração à frente da diretoria da instituição, serão para sempre lembrados.

Se nesta trajetória de 165 anos existiram aqueles que contribuíram para o crescimento da Bibliotheca Rio-Grandense, há também muitos outros que dependeram de sua contribuição para alcançar o crescimento moral ou intelectual. De forma singela lembra-se de um trio de pesquisadores e historiadores que muito colaboraram para o crescimento da Bibliotheca e em troca também cresceram intelectualmente: Abeillard Barreto, Antenor de Oliveira Monteiro e Edgar Fontoura. Muitos outros surgirão se forcarmos a memória – Joaquim Francisco de Assis Brasil, José Arthur Montenegro e Maneca. Para estes e tantos outros vale esta lembrança. A estes nomes agrega-se um que, embora ilustre, traz a todos que apreciam esta instituição uma nota de tristeza: Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da república. Enquanto aluno de pós-graduação da Universidade de São Paulo, Cardoso utilizou o acervo da Bibliotheca Rio-Grandense durante dois anos para realizar a sua tese de doutorado *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Chegando à presidência, inconsciente do crescimento cultural e histórico que essa instituição lhe agregou, Fernando Henrique Cardoso retirou o título de utilidade pública que a Bibliotheca possuía desde 1919 e que a auxiliava na obtenção de verbas federais. Essa perda ainda acarretaria uma dívida de cerca de 30 mil reais oriunda da perda desse título. Incansável, a diretoria atual busca a reversão desta medida. Se temos pesquisadores em busca do saber, também possuímos visitantes ilustres que apenas se deleitaram com o vasto acervo e as valiosas obras, citando apenas alguns de forma

² O Prof. Leon Coutelle Filho faleceu em julho de 2011. Participou ativamente da direção da Bibliotheca Rio-Grandense por mais de duas décadas. Atualmente o presidente da instituição é o advogado Pedro Alberto Brasil.

sucinta: Princesa Isabel e Conde d'Eu, D. Pedro Gastão de Orleans e Borges de Medeiros.

Através destas linhas breves buscou-se traçar a trajetória de uma instituição privada que presta serviços valiosos à comunidade na qual está inserida. Rio Grande, segundo o último censo demográfico feito em 2010, conta 197.228 habitantes; tendo em vista que a Bibliotheca Rio-Grandense cogita ter um acervo estimado em 450 mil volumes, isso daria cerca de 2,28 livros por habitante, uma margem acima da média se considerar outras bibliotecas no país. Mesmo assim, o quadro de sócios é pequeno, um pouco mais de seiscentos sócios, uma lástima para um corpo com 165 anos de serviços prestados cujos órgãos anseiam a cura que somente a disseminação do conhecimento oferece.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Abeillard. Uma iniciativa benemerita. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 abr. 1946.

_____. Uma instituição centenária. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 abr. 1946.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003. 239p.

BIBLIOTHECA é orgulho. *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 set. 1967. n. 26, Caderno Especial, p. 2-3.

BIBLIOTHECA Rio-Grandense: 15 ago. 1846 – 15 ago. 1896. *Diário do Rio Grande*, Rio Grande, 15 ago. 1896, p. 1-2.

BIBLIOTHECA Rio-Grandense: há 150 anos “semeia livros, livros a mancha e manda a povo pensar”. *Boletim da Sociedade Amigos da Marinha do Rio Grande*, Rio Grande, ano IV, n. 19, p. 6-18, jul.-ago.

FONSECA, Marcos. Biblioteca tenta recuperar verbas federais. *Zero Hora*, Porto Alegre, 24, jun. 1995, p. 44.

IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010: Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse>> Acesso em: 19 maio 2011.

KAASTRUP, Diva Machado Pereira. Biblioteca Rio-Grandense, uma preciosidade no Estado. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 14 jan. 1978, p. 8.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Um centenário I. *Rio Grande*, ano XXXIII, n. 108, 21 maio 1946, p. 1.

_____. Um centenário II. *Rio Grande*, ano XXXIII, n. 106, 18 maio 1946, p. 1.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município do Rio Grande*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1944. 547p.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 12.508 de 29 de maio de 2006. Declara integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul a Bibliotheca Rio-Grandense, localizada no município de Rio Grande. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Sistema Legis-texto da Norma, Porto Alegre, 29 maio 2006. Disponível em:<<http://www.al.rs.gov.br>>. Acesso em: 31 maio 2006.

RIO GRANDE. Rio Grande: A. Alves, 1848-1910. Diário.

VIEIRA, Cila Milano; JAEGER, Leyla Maria Gama; CABERLON, Vera Isabel. *Levantamento bibliográfico parcial de obras raras e/ou valiosas da Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

Data de envio: 01/06/2011

Data de aceite: 02/07/2011